

Mundo digital

Levar a Internet a quem “nunca tinha visto um computador”

No distrito de Aveiro, o projecto Net sobre Rodas combate a info-exclusão ensinando a Internet a idosos - e alguns deles não sabem ler nem escrever



ADRIANO MIRANDA

Maria José Santana
mjsantana@publico.pt

● Olhando para a destreza com que Preciosa Santos, de 87 anos, mexe no rato do computador, quase se pode concluir que esta utente do lar da Fundação Luiz Bernardo de Almeida (FLBA), em Macieira de Cambra (distrito de Aveiro) goza já de um grande à-vontade com as novas tecnologias.

Mas Preciosa confessa que tem ainda um longo caminho a percorrer - não sabe ler nem escrever, o que a impedirá de atingir outros patamares das facilidades tecnológicas. “Gosto muito de mexer no computador, só que não sei nada. Na primeira vez, foi uma risota”, relata.

Tal como outras centenas de seniores dos concelhos de entre o Douro e Vouga, Preciosa foi convidada a participar no projecto Net sobre Rodas. A iniciativa, lançada em Janeiro de 2006, tem levado as novas tecnologias ao encontro da população através de duas carrinhas equipadas com computadores portáteis ligados à Internet.

A aposta conseguiu já alcançar pequenas mas significativas conquistas no combate à info-exclusão, diz Isabel Bastos, coordenadora deste sub-projecto do programa EDV (Entre Douro e Vouga) Digital: “Já nos disseram que era como ver o mar pela primeira vez.”



ADRIANO MIRANDA

“Gosto muito de mexer no computador, só que não sei nada. Na primeira vez, foi uma risota”, diz Preciosa Santos, 87 anos. Acrescenta Rosa Maria Pinho, 85 anos: “No início tinha muito medo de fazer asneira, mas agora já estou a gostar de aprender.”

Algumas destas pessoas “nunca tinham visto um computador”. É o caso de Rosa Maria Pinho, de 85 anos, outra das utentes do lar da FLBA, uma das várias instituições abrangidas pela visita do Net sobre Rodas.

“No início tinha muito medo de fazer asneira, mas agora já estou a gostar de aprender”, comenta, ao mesmo tempo que vai escrevendo, repetidamente, o seu nome no programa Word. “Não é muito difícil, mas quando me engano não sei como fazer”, confessa Rosa Maria.

Sentada ao topo da mesa onde se encontram instalados os computadores do Net sobre Rodas, Belmira Silva, de 77 anos, tenta usufruir ao máximo das “maravilhas” proporcionadas pela Internet, viajando para lá das fronteiras de Macieira de Cambra.

“Estou a ver a página do Santuário de Fátima, porque é um lugar do qual gosto muito”, conta Belmira, uma das utentes que vai mostrando uma vontade enorme de “aprender tudo o que puder” sobre as novas tecnologias.

Algumas destas pessoas “nunca tinham visto um computador”: “Já nos disseram que era como ver o mar pela primeira vez.”

Idêntica vontade tem Manuel de Almeida, de 80 anos - apesar de ressaltar desde logo que não sabe ler nem escrever. “Mas vou pintando e, pelo menos, já sei o que é um computador”, diz, ao mesmo tempo que evidencia que, antes de ter sido convidado a participar neste projecto, “nunca tinha visto um computador”.

E importa realçar que Manuel de Almeida não era caso único quanto ao completo desconhecimento em relação a estes equipamentos informáticos. “Algumas pessoas até demonstram receio no início, porque acham que vão partir a máquina”, frisa Miguel Santos, um dos monitores das carri-

Dois meses ao serviço dos contribuintes

Em Março e Abril, o Net sobre Rodas estará destacado para prestar apoio aos contribuintes, auxiliando os cidadãos na entrega do IRS via Internet. À semelhança do que aconteceu em 2006, as duas carrinhas que integram o projecto estarão de portas abertas a toda a população, viajando por 17 freguesias dos cinco concelhos que integram o EDV Digital (Arouca, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, São João da Madeira e Vale de Cambra). A ideia passa por “desmistificar o serviço, comprovando que ele é eficaz e tem vantagens, nomeadamente no que toca ao reembolso, que é mais rápido”, diz Isabel

Bastos, coordenadora do Net sobre Rodas, a propósito da iniciativa promovida em parceria com a Direcção de Finanças de Aveiro. Em 2006, os monitores destacados para as carrinhas com acesso à Internet prestaram apoio a uma centena de contribuintes; o número poderá a aumentar este ano. Terminada esta missão especial, o Net sobre Rodas regressa à itinerância por associações culturais, desportivas e recreativas, estabelecimentos de ensino, instituições particulares de solidariedade social, etc., para cumprir o seu objectivo de combate à info-exclusão.

Manuel Almeida, 80 anos, não sabe ler nem escrever: “Mas vou pintando e, pelo menos, já sei o que é um computador”

nhas do Net sobre Rodas.

Mas, passado mais de um ano de experiência prática, o cenário alterou-se muito. “Temos tido vários casos de sucesso, em especial nas universidades seniores, em que as pessoas têm estado bastante entusiasmadas e a alcançar outros níveis de conhecimento”, avança o monitor.

Mais complicado são os casos de utentes que não sabem ler nem escrever, confessa Miguel Santos, muito embora a palavra de ordem do projecto pareça ser a persistência. “Importa que as pessoas se vão familiarizando com o computador, nem que seja pelo aspecto mais lúdico.”

E é também com base neste espírito que os responsáveis pelo Net sobre Rodas têm vindo a criar blogs dedicados a cada uma das instituições com que vão trabalhando. O da FLBA está disponível no endereço <http://flba.blogspot.com>, e contém fotografias e textos de apresentação de cada um dos utentes envolvidos no projecto.

PS3 na sexta-feira

A consola de jogos de terceira geração da Sony chega à Europa (e a Portugal) à meia-noite de dia 22 para 23

Conteúdos digitais sem espaço em 2010

Analista garante que não haverá problemas, até porque alguns dados são apagados

João Pedro Pereira
jppereira@publico.pt

● A manter-se o actual ritmo de produção de dispositivos para guardar conteúdos digitais, a informação produzida em 2010 será superior à capacidade de armazenamento no mundo.

De acordo com um estudo da multinacional IDC (que será apresentado em Lisboa na terça-feira), em 2005 foram produzidos 161 mil milhões de gigabytes (ou 161 exabytes) de dados digitais. Isto inclui, por exemplo, páginas de Internet, ficheiros nos computadores ou chamadas telefónicas - basicamente, tudo o que possa ser convertido em zeros e uns.

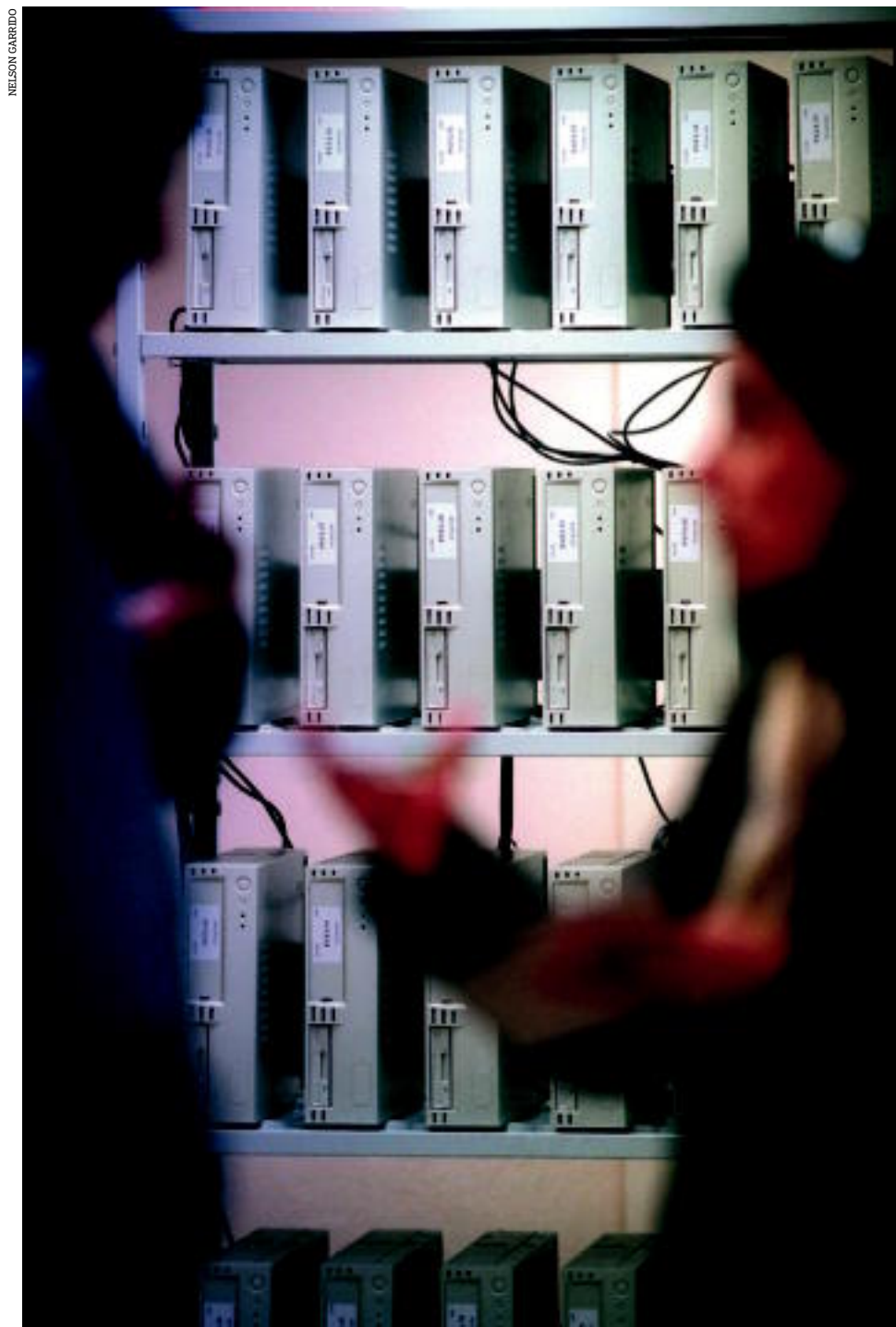
Os 161 exabytes de informação permitem comparações assombrosas: equivalem a três milhões de vezes o conteúdo de todos os livros já escritos na história da humanidade. Uma das razões para tanta informação é que muitos conteúdos (vídeos, e-mails, música) são replicados várias vezes.

Para 2010, os analistas estimam que o mundo gere 988 exabytes de informação digital, ao passo que a capacidade de armazenamento se ficará por uns meros 601 exabytes. Não há, contudo, razões para alarme, garante o responsável pelo estudo. John Grantz, entrevistado pela *Time Online*, explica que nem todos os dados são guardados. É o caso dos telefonemas ou de parte dos e-mails. Por outro lado, os

Em 2010, a informação produzida a nível mundial atingirá os 988 exabytes - e só haverá capacidade de armazenar 601 exabytes

dispositivos de armazenamento estão a ficar cada vez mais baratos.

Daniel Gomes, investigador da Universidade de Lisboa, explica que os preços variam consoante a tecnologia. Para empresas, que precisam de discos rígidos de rápido acesso, o preço por gigabyte é muito superior ao que paga o utilizador comum.



NELSON GARRIDO

O espaço físico para alojar a informação também não deverá ser problema. Daniel Gomes é um dos responsáveis pelo Tomba, um arquivo da Web portuguesa com 1500 gigabytes de dados, mas que parou de indexar páginas por falta de espaço. Toda a informação já recolhida está contida num computador cujo tamanho não excede o de

um armário médio. No futuro, prevê o investigador, será possível armazenar cada vez mais informação em espaços reduzidos: "Os cartões de memória das máquinas fotográficas têm o tamanho de uma unha e atingem 4 gigabytes. Há uns anos pensávamos que estávamos prestes a atingir o limite, mas surgem sempre novas tecnologias."

Rádio pela Internet em risco de vida nos EUA

Pedro Ribeiro
pribeiro@publico.pt

● A entidade que regula as *royalties* pagas pelas rádios online nos EUA determinou um aumento significativo (pode chegar a mais de 100 por cento) nas taxas. O aumento, segundo os responsáveis de várias firmas do sector, põe em risco de vida a rádio pela Internet na América.

"Quando eu falo no fim da rádio pela Internet, não é só retórica: [esta decisão] é muito, muito má", disse ao Digital Tim Westergren, fundador do Pandora, um serviço de rádio personalizada pela Internet (www.pandora.com). Westergren estima em "dezenas de milhões de dólares" o custo acrescido da nova esca-

la de *royalties* para a sua empresa.

Sempre que uma rádio - quer em ondas hertzianas quer na Internet - transmite uma música, tem de pagar uma quantia em *royalties* aos detentores dos direitos de autor. Nos EUA, esse valor era estipulado por uma lei de 2002: por cada música e por cada ouvinte, uma rádio pela Internet tinha de pagar 0,07 centavos de dólar.

Esse valor é o equivalente a um vigésimo de centímo de euro. Parece pouco - mas multiplicado por muitas horas de programação e muitos canais, torna-se uma soma avolumada. Ora, a lei que determinava este valor expirou em 2005. Nos últimos dois anos, uma entidade nomeada pelo Estado americano (Copyright Royalty Board, CRB)

estudou a revisão destes valores.

No início deste mês, o CRB anunciou a nova tabela de *royalties*: um aumento (retroactivo) de 0,07 para 0,08 centavos de dólar por música em 2006; este valor vai crescendo anualmente até atingir 0,19 centavos em 2010. Cada estação (ou canal de uma estação) tem ainda de pagar uma taxa fixa anual mínima de 500 dólares (375 euros).

Muitas rádios online são projectos totalmente amadores - cujos autores não estarão dispostos a pagar 375 euros para manter um *hobby*. Para empresas de grande dimensão, o aumento das taxas implica custos muito elevados.

Kurt Hanson, do agregador de rádio AccuRadio (320 estações, em www accuradio.com), disse à Reuters que

a sua empresa gerou 400 mil dólares em receitas em 2006; com a nova tabela, teria de pagar 600 mil dólares em *royalties*.

A RealNetworks, diz que vai ter de cortar o seu número de canais: "Vamos ter de fornecer menos escolha, e ter uma programação menos variada", disse à *Billboard* o vice-presidente da firma, Robert Kimball. A decisão afecta não só rádios online como rádios "tradicionalistas" que colocam a sua programação na Net.

"Estas taxas não têm qualquer relação com o contexto do negócio da rádio pela Internet", disse Tim Westergren, do Pandora, acrescentando: "Nenhuma empresa vai conseguir subsistir com estes valores."

Espaço Mac

Notícias do universo Apple

400 milhões em publicidade gratuita

Na estimativa de um professor da Harvard Business School, David Yoffie, o valor das notícias em jornais, televisão e Internet sobre o lançamento do iPhone equivaleu a 400 milhões de dólares (300 milhões de euros) em publicidade grátis para a Apple. "Nunca se viu uma empresa receber tanta atenção para o lançamento de um produto", disse Yoffie ao *USA Today*, referindo-se à avalanche de notícias sobre o iPod/telemóvel da Apple. A empresa de Steve Jobs decidiu antecipar a divulgação pública do iPhone para Janeiro, "roubando" assim atenção aos seus concorrentes, que lançavam as suas novidades ao mesmo tempo no Consumer Electronics Show em Las Vegas. "Foi um fenómeno sem precedentes", disse Yoffie.

Comissária contra integração iPod/iTunes

A comissária europeia para a Protecção dos Consumidores, Meglena Kuneva, mostrou-se desagradada com a integração praticada pela Apple entre o seu leitor de áudio digital iPod e a sua loja de música online iTunes. Em declarações à revista alemã *Focus*, Kuneva disse que quando um consumidor compra um CD de música, pode ter a expectativa de que esse CD irá tocar em qualquer leitor disponível no mercado em toda a Europa; pelo contrário, as músicas compradas através do



iTunes só podem ser ouvidas num dos iPods fabricados pela Apple. "Algo tem de mudar", afirmou Kuneva. No entanto, a Comissão Europeia clarificou que as declarações de Kuneva são apenas a "título pessoal".

iPod tem 73 por cento do mercado americano

A Apple mantém a liderança nas vendas de leitores digitais de música nos EUA, segundo um estudo da firma NPD Group, divulgado pela Bloomberg. Em Janeiro, os aparelhos da família iPod representaram 72,7 por cento das vendas de produtos daquela categoria nos EUA em Janeiro; o segundo classificado foi a Sandisk (8,9 por cento) e o terceiro a Microsoft (3,2 por cento).